

## **STUDIUM E PUNCTUM DE BARTHES E AS CATEGORIAS FENOMENOLÓGICAS PEIRCIANAS**

### **Barthes' *Studium* and *Punctum* and Peirce's phenomenological categories**

Raquel PONTE <sup>1</sup>

**Resumo:** A partir dos conceitos de primeiridade, segundidade e terceiridade da fenomenologia peirciana, este artigo visa fazer uma nova leitura dos elementos *studium* e *punctum*, co-presentes nas fotografias, descritos por Roland Barthes em *A câmara clara*. Para Peirce, essas três categorias estariam presentes em todos os fenômenos observados e se manifestariam de diferentes formas: a primeiridade estaria associada à potencialidade, variedade, sentimento e Acaso; a segundidade, à ação e reação, singularidade e Existência; e a terceiridade, à generalidade, convencionalidade, hábito e Lei. Sugerimos ser possível identificar no *studium* e no *punctum* a manifestação da terceiridade e da primeiridade, respectivamente, sendo que identificação do *punctum* por Barthes em seu derradeiro livro parece apontar para uma mudança do pensamento do autor. No final, questionamos a possibilidade de ampliarmos os conceitos barthesianos para outras manifestações humanas para além da fotografia.

**Palavras-chave:** *Studium*; *Punctum*; Fenomenologia; categorias fenomenológicas; Peirce.

**Abstract:** Based on the concepts of Firstness, Secondness and Thirdness of Peirce's phenomenology, this article aims to create a new understanding of the elements *studium*

---

<sup>1</sup> Professora Substituta da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI-UERJ) nas disciplinas Materiais e Processos Gráficos I e II. Doutoranda em Design pela ESDI-UERJ com bolsa FAPERJ e Mestre em Design pela ESDI-UERJ na linha de pesquisa Design, Teoria e Crítica com bolsa do Capes. Graduada em Comunicação Social (Cinema) pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Design Gráfico pela Universidade Estácio de Sá, com MBA em Marketing pela Pontifícia Universidade Católica (Puc-Rio). E-mail: raquelponte@globo.com.

and punctum, co-present in photographs, described by Roland Barthes in *Camera lucida*. For Peirce, these three categories are present in all observed phenomena and manifest themselves in different ways: firstness associated with potentiality, variety, feeling and Chance; Secondness, with action and reaction, singularity and Existence; and Thirdness, with generality, conventionality, habit and Law. We suggest that it is possible to identify in studium and punctum the manifestation of Thirdness and Firstness, respectively. The identification of punctum by Barthes in his last book seems to point to a change in the author's thought. In the end, we question the possibility of broadening Barthes' concepts to other human manifestations beyond photography.

**Keywords:** Studium; Punctum; Phenomenology; phenomenological categories; Peirce.

– Difícil de entender, me dizem, é a sua poesia, o senhor concorda?  
– Para entender nós temos dois caminhos:  
o da sensibilidade que é o entendimento do corpo;  
e o da inteligência que é o entendimento do espírito.  
Eu escrevo com o corpo  
Poesia não é para compreender, mas para incorporar  
Entender é parede: procure ser uma árvore.  
*Manoel de Barros*

## Introdução

Em seu livro *A câmara clara*, de 1980, Roland Barthes discorre sobre dois elementos co-presentes que ele identifica nas fotografias: o *studium* e o *punctum*. O primeiro é culturalmente percebido e gera uma interpretação da foto a partir do conhecimento prévio do *Spectator* (BARTHES, 1984, p.48) sobre o mundo. Por exemplo, em uma imagem fotojornalística, podemos entender seu contexto histórico por meio da análise das roupas e dos gestos dos retratados, da ambientação apresentada etc. O segundo, diferentemente, se lança sobre nós, de forma insistente. Como escreve Barthes, "não sou eu que vou buscá-lo (como invisto com minha consciência soberana o campo do *studium*), é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar"

(BARTHES, 1984, p.46). Esses dois elementos, explicitados pelo autor, permitem, por consequência, uma apreensão diferente por parte de quem observa uma fotografia. O *studium* gera um interesse racional que predispõe o intérprete a uma reflexão e a uma análise, enquanto o *punctum* cria um estado emocional em quem o experiencia.

A semiótica barthesiana, fortemente influenciada pela linguística estruturalista de Ferdinand de Saussure (1857-1913), possui uma lógica interna diferente daquela desenvolvida pelo americano Charles Sanders Peirce (1839-1914). Enquanto Barthes trabalha com um signo diádico composto por significante e significado, Peirce propõe uma estrutura triádica, em que o signo é composto por representâmen, objeto e interpretante. Isto é, o signo apresenta uma manifestação (representâmen) para representar um objeto, gerando efeitos em uma mente interpretadora (interpretantes). Essa tríade deixa entrever um importante aspecto da filosofia peirciana, que, fundamentando-se em três categorias fenomenológicas (primeiridade, segundidade e terceiridade), compreende o mundo não como mecânico, cartesiano e dual, mas sim como pleno de criatividade e de sentimento.

Ainda que a fundamentação teórica utilizada por Barthes ao longo de sua produção intelectual seja distinta da de Peirce, a identificação do *punctum* pelo autor em sua obra derradeira deixa entrever uma mudança em seu pensamento. Embora Barthes aponte os dois elementos como co-presentes em fotos, pode-se perceber que é a constatação da existência específica do *punctum* que move o texto e instiga o autor.

A proposta deste artigo é fazer uma leitura dos conceitos de *studium* e *punctum* sob a ótica da filosofia peirciana, em especial considerando-se as três categorias fenomenológicas que servem de base para toda a construção filosófica de Peirce. Para isso, iniciaremos com a conceituação dessas categorias, passaremos a entendê-las dentro do complexo teórico peirciano para, então, pinçarmos dentro do texto de Barthes trechos/pistas que justifiquem essa associação. Sabemos que um artigo apenas não consegue esgotar toda a complexidade da filosofia de Peirce, porém buscaremos

explicitar suas ideias-chave para estabelecer conexões entre os pensamentos dos dois autores, notando suas semelhanças e diferenças.

### **1 As categorias fenomenológicas peircianas**

Como afirma Santaella (2005, p.35), "A filosofia tem como tarefa descobrir o que é verdadeiro, limitando-se, porém, à verdade que pode ser inferida da experiência comum que está aberta a todo ser humano a qualquer tempo e hora". A fenomenologia, para Peirce, consiste no fundamento da sua filosofia, uma vez que pretende fazer um inventário de todos os fenômenos da natureza, sejam eles físicos ou psíquicos. O fenômeno não é algo necessariamente real, mas "[...] tudo aquilo que está de alguma forma presente na mente [...]" (CP 1.284). Assim, sua filosofia se funda na experiência cotidiana comum a todos os homens e, para se praticar a fenomenologia, basta que se abram os olhos mentais para os fenômenos a fim de explicitar suas características.

De formação científica e matemática, Peirce identificou três categorias lógicas que ele nomeou de primeiridade, segundidade e terceiridade. A primeira consiste em um elemento puro sem relação a mais nada (mônada); a segunda equivale a uma relação diádica em que elementos se chocam; e a terceira, em uma relação de três partes, que é gerativa, uma vez que dois elementos geram um terceiro. Esses conceitos relacionais extremamente abstratos, por serem categorias gerais comuns a todos os fenômenos, podem aparecer, dentro da filosofia peirciana, de diferentes formas, que explicaremos mais detalhada adiante: na sua fenomenologia, como qualidade, relação e representação; e, na sua metafísica, como acaso, existência e lei (externamente), e como sentimento, sensação e pensamento (internamente). Com isso, percebemos que essas categorias "[...] estruturam todas as doutrinas que constituem o sistema teórico do autor" (IBRI, 2013, p.4).

A experiência mais evidente em nossas vidas é que o mundo não se conforma à nossa vontade ou à ideia que fazemos dele. Não é porque um jardineiro deseja que uma planta floresça que ela necessariamente dará flores, nem porque insistimos que um dia

chuvoso está ensolarado que as nuvens se dissiparão. Como escreve Peirce, "estamos continuamente colidindo com o fato duro. Esperávamos ou passivamente tomávamos uma coisa por admitido e tínhamos sua imagem em nossas mentes, mas a experiência joga esta ideia ao chão e nos compele a pensar de forma muito diferente" (CP, 1.324). Nessa experiência, portanto, há uma força que se choca contra nós, uma força agente e uma reagente. Para Peirce, isto constitui uma segundidade. Qualquer existência, desta forma, subsume à segunda categoria, já que consiste em algo diferente de nós. Como escreve Lauro Frederico da Silveira (2007, p.42), "existir é, para a teoria peirceana, impor-se aos demais, num teatro de múltiplas reações".

Lidamos com essas segundidades no mundo por meio da sua mediação. Esta, para Peirce, corresponde à categoria da terceiridade, já que um elemento medeia a relação de dois outros, em uma tríade. Conseguimos encontrar uma ordem entre algumas existências no mundo porque há uma generalidade comum a elas. Podemos nomear uma amendoeira de amendoeira, um cachorro de cachorro, uma cadeira de cadeira, porque há algo de geral que permeia cada uma dessas existências. A amendoeira tem um determinado tipo de folha, frutifica em certa época e possui um fruto específico que a difere das demais espécies vegetais. Um cachorro possui características que o distinguem dos demais animais. E a cadeira possui uma função que a torna uma cadeira e não uma mesa, uma casa ou um planeta. O conceito, portanto, pertence à categoria da terceiridade, pois constitui uma generalidade.

Conceito, por sua vez, nada mais é que uma representação. Por isso, um signo – algo que está no lugar de alguma coisa – também subsume à terceira categoria. Toda a semiótica, dentro da filosofia peirciana, está compreendida dentro dessa categoria e, por esse motivo, ela consiste em parte tão importante dentro de seu complexo filosófico, porque serve de mediação no mundo das existências. Porém, é importante frisar que as representações não são únicas dos sujeitos, em uma visão antropocêntrica. Peirce, um realista que se opunha à corrente filosófica nominalista, entendia que os gerais são reais, isto é, eles existem na natureza e não são fruto de uma subjetividade que vê nas coisas

uma generalidade. Para esse filósofo, a representação, a cognição e o pensamento só são possíveis porque há uma generalidade real nas existências do universo. Se, por exemplo, o Sol, a cada dia, nascesse em um horário inteiramente diferente e se as estações do ano não seguissem um padrão, seria impossível a agricultura, já que a razão busca identificar padrões para poder prever o futuro. Assim, o pensamento racional lógico só se torna possível em um mundo ordenado por leis.

Por outro lado, Peirce identificou que também há algo de desordenado no mundo. Para ele, o mundo mecanicista era uma falácia. Ainda que a amendoeira seja uma amendoeira, não existe no universo uma exatamente igual a outra: cada uma possui seu próprio número de folhas, sua altura, sua conformação, suas cores e responde diferentemente ao ambiente que a cerca. Da mesma forma isso ocorre tanto com os cachorros quanto com as cadeiras – estas últimas, por mais que um determinado modelo de cadeira seja produzido industrialmente, cada uma delas sempre apresenta uma leve diferença de feitura em algum pequeno detalhe. Portanto nada é totalmente previsível, já que há uma variedade nas existências a despeito da sua generalidade.

Essa capacidade criativa participa da primeiridade. Enquanto a terceiridade mantém a reprodutibilidade das experiências do mundo, a primeira categoria cria multiplicidades, porque é plena de potencialidades. Se a generalidade presente na realidade é consequência de leis reais, a variedade deriva do acaso. Para o filósofo, há essas duas potências – de ordem e de espontaneidade – coexistindo e atuando na natureza. Peirce observa que a variedade é até muito mais frequente que a generalidade, mas nossa razão busca identificar a terceiridade para prever o mundo, porque mediamos as existências a partir da identificação de seus padrões. "Nossa linguagem lógica, cognitivamente voltada para fenômenos reais, estrutura-se exclusivamente em objetos gerais, cuja continuidade espaço-temporal possibilita todos os nossos juízos sobre o mundo" (IBRI, 2013, p.7). Criar conceitos e nomear coisas (terceiridade) requer um partilhamento, enquanto a primeiridade é singular em si mesma.

inumeráveis, mas ninguém pensa nas irregularidades, que são infinitamente mais frequentes. Cada fato verdadeiro de qualquer coisa no universo está relacionado a cada fato verdadeiro para todos as outras coisas. Mas a imensa maioria dessas relações são fortuitas e irregulares. Um homem na China comprou uma vaca três dias e cinco minutos após um homem na Groenlândia ter espirrado. Essa circunstância abstrata está conectada a qualquer regularidade? E não são tais relações infinitamente mais frequentes do que aquelas que são regulares? (CP, 5.342)

Podemos perceber que cada categoria fenomenológica se pode traduzir e se expressar de forma diferente, mas sempre baseada nas relações lógicas de um, dois e três. Sob a lógica da terceiridade, portanto, estão os seguintes conceitos: a mediação; o signo, que medeia a relação entre dois outros elementos; a generalidade; o pensamento, que identifica esses gerais mediando a realidade; a regularidade; as leis, que geram esses padrões; e o futuro, porque o pensamento lógico que medeia essas existências visa prever ocorrências futuras baseadas em padrões a fim de antecipar nosso comportamento para nos adequarmos à realidade. Já a segundidade se manifesta nas relações duais entre elementos e, portanto, nas existências que povoam o universo e que são diferentes de nós. Por meio dessas existências é que podemos inferir a terceiridade dos gerais e a primeiridade da variedade, pois essas segundidades são a materialização manifesta das demais categorias. Já a primeiridade se expressa em qualidades (presentes nessas existências), em multiplicidade, em potencialidade que pode ou não se materializar em uma existência e – o que pode parecer paradoxal – no sentido de unidade.

"O conceito de primeiridade nasce como uma categoria na filosofia de Peirce, um modo de aparecer fenomenológico que é caracterizado pela experiência de unidade entre sujeito e objeto, indiferenciando mundos interior e exterior" (IBRI, 2008, p.229). Enquanto a experiência segunda se caracteriza pela oposição entre sujeito e objeto, pois as existências são o que não somos, e a terceira é a mediação dessas existências pelo pensamento, a experiência primeira transparece em um estado de comunhão entre sujeito e universo, um estado de contemplação do mundo em que se perde a noção de



tempo e se vive o momento presente. Viver o aqui e agora é se desgarrar do pensamento que visa constantemente lançar um facho de luz para o futuro, desligando-se da razão para vivenciar o sentimento. A filosofia peirciana, dessa forma, pressupõe uma realidade em que não apenas coabitam acaso e lei, mas que é plena de sentimento e razão. E da mesma forma que o cosmos deve possuir algum tipo de racionalidade para que nosso pensamento ocorra (Peirce chega a afirmar que nosso pensamento nada mais é que parte de um pensamento universal), também deve conter o sentimento para que a emoção do sujeito possa existir.

Pode-se perceber, portanto, que há na filosofia de Peirce um componente de continuidade que perpassa todos os seus conceitos, expressa na Teoria do Sinequismo. Essa teoria afirma que há um *continuum* no universo, que faz com que essas categorias fenomenológicas não sejam estanques em si mesmas. Assim, pela cosmologia peirciana, há uma pluralidade de possibilidades no mundo (primeiridade), em que algumas dessas qualidades são determinadas nas existências (segundidade) – as que não se materializaram passam a não existir –, que, em um processo de evolução, passam a apresentar regularidades (terceiridades). Para o filósofo, há uma tendência no universo para a criação e aquisição de leis, e, por isso, o universo passou de potencialidade caótica para um estado ordenado, onde, deve-se frisar, essa potencialidade não deixa de atuar, gerando um processo criativo por meio do acaso.

Nesta concepção de mundo, portanto, não há dualidade entre primeiridade e terceiridade, entre acaso e lei, entre sentimento e razão, mas continuidade entre esses pares. Em toda relação de dualidade (segundidade), há uma potencialidade que se determinou (primeiridade), assim como em toda relação de mediação (terceira categoria), há uma oposição entre elementos (segunda categoria) e também potencialidade e variedade (primeira categoria). De forma equivalente, "[...] também há sentimento em toda experiência de alteridade, de dualidade na segunda categoria, assim como há também sentimento nas experiências judicativas, cognitivas" (IBRI, 2013, p.12). Essa forma de pensar o universo torna, assim, o pensamento racional pleno de



sentimento. Diferentemente da filosofia cartesiana, na peirciana não se entende a relação sujeito-objeto como uma oposição, mas como uma das possibilidades de manifestações fenomenológicas que seria a segundidade.

Além disso, para Peirce, há a possibilidade de vivenciarmos a nossa experiência com o mundo de forma diferente da dualidade quando nos contrapomos às existências: justamente por meio de um estado de presentidade já citado, em que há um sentimento de contemplação e de comunhão com o cosmos. Para Ivo Assad Ibri (2013), isso ocorre principalmente quando nos deparamos com as coisas sem nome, aquelas que não podemos nomear, porque singulares. Para o autor, as obras de arte, em seu aspecto de primeiridade, possibilitam uma comunicação que passa além do pensamento lógico. Essa percepção deixa evidente uma questão central que aparece na semiótica peirciana: o signo não consiste apenas em representação convencionalizada, pois o filósofo não parte da linguagem verbal para criar sua semiótica.

Para Peirce, o signo poderia ser qualquer coisa: uma cor, um grito, uma pegada, uma palavra. A linguagem verbal compartilhada manifesta em símbolos, desta forma, consiste em apenas uma das possibilidades de signo, afeita à terceiridade da generalidade. Mas, além dela, há também quase-signos subsumidos à primeira e segunda categorias (ícones e índices) que podem gerar interpretantes – efeitos em uma mente interpretadora – que passem suas significações não apenas pela interpretação racional, mas por outras vias não verbais mais afeitas ao sentimento.

Por fim, para tornar mais claro como a teoria do sinequismo perpassa toda a filosofia peirciana, podemos perceber que a relação semiótica também está inserida em um processo de continuidade, em que objeto determina signo, que gera um interpretante, que, sendo também signo, gerará novos efeitos *ad infinitum*. Existe, por conseguinte, uma evolução no processo de semiose, em que o signo vai se transformando e se complexificando. Isso decorre de uma compreensão de signo triádica (e não diádica), em que dois elementos passam a gerar um terceiro mais complexo. Além disso, o *continuum* também ocorre entre interioridade e exterioridade

(manifestações na existência), que não são vistas como oposições, mas como adjacências. Por isso podemos entender como as categorias fenomenológicas tão abstratas podem se manifestar diferentemente, do ponto metafísico, pelo lado interior e pelo lado exterior. Assim como a lei na exterioridade consiste em razão pelo lado interno, "acaso nada mais é que o aspecto externo daquilo que internamente em si mesmo é sentimento" (CP, 6.265). Apresentados esses principais conceitos, veremos então como podemos entender, à luz do complexo teórico de Charles Sanders Peirce, os elementos *studium* e *punctum*, este último tão comentado por Barthes em *A câmara clara*.

## **2 *Studium* e *punctum*: as coisas com nome e as coisas sem nome**

Barthes, a respeito da imagem fotográfica, identificou, como vimos anteriormente, dois elementos presentes nas fotos: o *studium* – sempre observável – e o *punctum* – que pode ou não ser percebido em uma fotografia. A primeira questão que se coloca a partir dessa proposição do autor é que podemos entender o processo de identificação de *studium* e *punctum* como um procedimento inferencial, no qual percebemos a terceiridade e a primeiridade por meio de uma existência segunda: uma fotografia. É por meio da foto que se tornam claras as convencionalidades e as singularidades possíveis de serem identificadas. Fazendo a leitura desses dois conceitos sob a ótica da filosofia peirciana, vemos como podemos associar o *studium* à terceira categoria e o *punctum* à primeira.

A respeito da apreensão do *studium*, Barthes escreve: "percebo [...] em função de meu saber, de minha cultura [...]" (BARTHES, 1984, p.44), e complementa que "[...] é culturalmente [...] que participo das figuras, das caras, dos gestos, dos cenários, das ações" (BARTHES, 1984, p.46). Pode-se depreender por essas duas frases que a percepção do *studium* passa pela decodificação dos signos presentes em uma fotografia em função do conhecimento prévio de quem observa a foto. Um signo convencionalizado – um símbolo – necessita de que o intérprete conheça seu código para sua decodificação.

É pela convencionalidade que há entre signo e objeto representado que se interpreta a representação. Por exemplo, não há nada de natural na relação representâmen-objeto para que entendamos que uma aliança no dedo anular direito significa noivado e no dedo anular esquerdo significa casamento. Sequer existe uma obviedade de interpretação que associe anel a qualquer comprometimento humano. Porém, as pessoas que tiverem o conhecimento dessas relações, por partilharem da cultura em que essa convenção é utilizada, facilmente entenderão o significado desse símbolo.

Para Lévi-Strauss (*apud* VELHO & VIVEIROS DE CASTRO, 1980, p.17), a cultura é "[...] um conjunto complexo de códigos que asseguram a ação coletiva de um grupo". Os indivíduos, ao crescerem dentro de uma determinada cultura, aprendem seus códigos, os internalizam e passam a interpretar o mundo a partir dessas bases. Por isso, para uma mesma foto, pode haver níveis diferentes de interpretação, dependendo do conhecimento cultural que o indivíduo tenha. E essa variedade de análise dependerá não apenas da diferença de formação entre intérpretes distintos: a capacidade de interpretação também pode mudar ao longo tempo para um mesmo intérprete. Quem já não viu com outros olhos livros, filmes e fotografias anos depois de terem tido com eles um primeiro contato? No exemplo citado por Barthes (1984, p.86-87) da foto da Rainha Vitória montada a cavalo, é necessário que se conheça a história da Inglaterra, a rainha, sua época, seus hábitos, as vestimentas do século XIX, para que se faça a interpretação do *studium*.

A compreensão desse elemento, portanto, passa pela decodificação do pensamento racional. É a partir da terceiridade expressa em signo, pensamento, conceito, cultura e razão, que se infere o *studium* de uma fotografia. Como escreve Barthes (1984, p.48),

Reconhecer o *studium* é fatalmente encontrar as intenções do fotógrafo, entrar em harmonia com elas, aprová-las, desaprová-las, mas sempre compreendê-las, discutí-las em mim mesmo, pois a cultura (com que tem a ver o *studium*) é um contrato feito entre os criadores e os consumidores.

Barthes escolheu o nome latino *studium* para esse elemento porque o entende como "[...] a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoroso, é verdade, mas sem **acuidade particular** [grifo nosso]" (BARTHES, 1984, p.45). A generalidade presente no *studium* é de ordem diferente da singularidade do outro elemento a que ele denomina *punctum*: este "[...] é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados. O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me *punge* [...]" (BARTHES, 1984, p.46).

Curioso notar o uso, por Barthes, do termo "lance de dados", da palavra "acaso" e do verbo "pungir" nessa última citação, para conceituar esse elemento identificado pelo autor nas imagens fotográficas. Eles sinalizam para algumas manifestações da primeiridade que podemos associar ao *punctum*. Diferentemente da generalidade do *studium*, o *punctum* é algo singular – um detalhe (BARTHES, 1984, p.68) – que fortuitamente atinge de forma emocional o *Spectator*. Ele, dessa forma, pode ser compreendido como uma *coisa sem nome*, sobre a qual escreve Ibri (2013), que necessita de uma outra via de apreensão diferente da reflexão verbal. A *coisa sem nome* é aquela que possui uma singularidade tal onde inexiste uma generalidade que possa ser expressa em um conceito. Essa associação torna-se ainda mais evidente quando compilamos dois trechos, um de Barthes sobre o *punctum* e um de Ibri sobre as *coisas sem nome*:

Para perceber o *punctum*, nenhuma análise, portanto, me seria útil [...] (BARTHES, 1984, p.69)

Não podemos nos aproximar das coisas sem nome pela linguagem mediadora, totalmente estruturada na lógica do conceito (IBRI, 2013, p.8)

Assim como o *studium* consiste na terceiridade que pode ser inferida pela existência da fotografia subsumida à segundidade, o *punctum* pode ser entendido como primeiridade manifesta na imagem. "O *studium* está, em definitivo, sempre codificado, o *punctum* não [...]" (BARTHES, 1984, p.80). As três categorias encontram-se

imbricadas na foto assim como em outras manifestações do mundo. O primeiro elemento permite o pensamento racional, organizador e analítico. O segundo, alheio ao verbal e tantas vezes deixado de lado pela dificuldade de nossa mente lidar com o indizível, possibilita o sentimento. "Há, assim, uma espécie de resíduo de mundo, algo não recolhível pela linguagem, na sua expressão lógica, algo que é por ela desdenhado porque estranho à sua própria estrutura e interesse [...]" (IBRI, 2008, p.232).

A percepção de Barthes de que "esse *punctum* agita [...] uma grande benevolência, quase um enternecimento" (BARTHES, 1984, p.71) deixa transparecer a forma de apreensão possível desse segundo elemento. Para apreendê-lo, portanto, deve-se permitir um estado de contemplação e de comunhão próprios da primeira categoria. A sensação de presentidade, citada por Peirce, também pode ser percebida na expressão da experiência de Barthes quando atingido por um *punctum*: "Esse *alguma coisa* deu um *estalo*, provocou em mim um pequeno abalo, um *satori*, a passagem de um vazio [...]" (BARTHES, 1984, p.77).

Porém mostra-se importante frisar que o *studium* também provoca um sentimento, diferente, entretanto, do gerado pelo *punctum*. Como escreve Barthes, "[...] posso ter um interesse geral, à vezes emocionado, mas cuja emoção passa pelo revezamento judicioso de uma cultura moral e política" (BARTHES, 1984, p.45), uma vez que "o que posso nomear não pode, na realidade, me ferir" (BARTHES, 1984, p.80). Afeito à terceiridade, ele também comporta a primeiridade, já que, como vimos, há uma continuidade entre as categorias fenomenológicas peircianas.

Entendem-se os dois elementos descritos por Barthes em *A câmara clara* pela forma como são apreendidos pelo *Spectator*, e também são considerados pelo autor como algo presente, real e manifesto nas imagens fotográficas, isso porque "[...] primeiridade, segundidade e terceiridade não são apenas modos de como experienciamos os fenômenos, mas de como uma realidade que aparece fenomenicamente é *em si mesma*" (IBRI, 2013, p.5). Assim há uma continuidade não apenas entre as categorias, mas também entre manifestação (exterioridade) e

subjetividade (interioridade). O *punctum*, por exemplo, consiste em algo potencialmente presente na fotografia, mas que é variável de acordo com as experiências prévias daquele que observa a imagem. Um *punctum* para um observador pode ser diferente do de outro em uma mesma foto. Como escreve Barthes (1984, p.69), "[...] dar exemplos de *punctum* é, de certo modo, entregar-me".

### Conclusão

Uma das questões mais interessantes que podemos perceber, ao fazer a associação entre os elementos *studium* e *punctum* com terceiridade e primeiridade, respectivamente, é o reconhecimento de que Barthes, nesse último trabalho, aponta para um aspecto não abordado em seus trabalhos anteriores: existe algo que foge à linguagem verbal lógica, subsumida à terceira categoria.

Na introdução de *Elementos de semiologia*, de 1964, ao comentar que Sausurre afirmou que a linguística seria parte de uma ciência maior, a semiótica, ele sugeriu reverter essa ideia. Para ele, a semiótica seria parte da linguística, já que acreditava que qualquer processo de significação necessariamente passava pela interpretação verbal. Em *A câmara clara*, por outro lado, o autor percebe haver um elemento da fotografia cuja apreensão foge à verbalização, o que mostra como seu pensamento, em um processo semiótico, se transformou ao longo de sua vida. O *punctum* prescinde da racionalidade necessária à compreensão do *studium*. Com a singularidade, "a linguagem lógica é convidada a se calar, e outras formas semióticas devem ser convocadas para este encontro com o que repudia o conceito" (IBRI, 2013, p.8). Como escreve Barthes em relação ao *punctum*,

A subjetividade absoluta só é atingida em um estado, um esforço de silêncio [...] (1984, p.84)

A foto me toca se a retiro de seu blabláblá costumeiro [...]: nada dizer, fechar os olhos, deixar o detalhe remontar sozinho à consciência afetiva (1984, p.84-85)

no entanto aterrissa em uma zona vaga de mim mesmo; é agudo e sufocado, grita em silêncio. Curiosa contradição: é um raio que flutua" (1984, p.83)  
[A respeito da foto de Mapplethorpe sobre Bob Wilson e Phil Glass]

A metáfora *raio que flutua* dessa última citação lembra o sentimento de presentidade, de lapso de tempo, de instantaneidade que temos ao nos deparar com as singularidades.

Cabe, por fim, questionar se os elementos identificados por Barthes consistem em manifestações únicas das fotografias – objetos de seu estudo. A aproximação da fotografia com o haiku japonês, feita pelo autor, dá pistas de que tais conceitos não devem ser exclusivos da imagem fotográfica. Segundo ele, essa associação ocorre, "pois a notação de um haiku também é indesejável: tudo está dado, sem provocar a vontade ou mesmo a possibilidade de uma expansão retórica" (1984, p.78). Portanto, poderíamos ampliar a noção de *punctum* para algo além da imagem fotográfica, algo que poderia habitar as expressões artísticas, a natureza e todas as *coisas sem nome*.

### Referências bibliográficas

- BARROS, Manoel de, em *Arranjos para assobio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1980] 1984.
- \_\_\_\_\_. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, [1964] 2006.
- IBRI, Ivo Assad. O significado de primeiridade em Schelling, Schopenhauer e Peirce. In: *Cognitio: Revista de filosofia* / Centro de Estudos do Pragmatismo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP. v.9, n.2 (jul/dez 2008). São Paulo: EDUC, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Fundando a arte nas coisas sem nome: reflexões sobre algumas sementes peircianas*. [ainda não publicado - pré-print, 2013]



PEIRCE, Charles Sanders. *The collected papers of Charles Sanders Peirce*. Eletronic Edition reproducing Vols. I-VI ed. Charles Hartshorne and Paul Weiss (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1935), Vols. VII-VIII ed. Arthur W. Burks (same publisher, 1958).

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem do pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, [2001] 2005.

SILVEIRA, Lauro Frederico da. *Curso de semiótica geral*. São Paulo: Quartier Latin, 2007.

VELHO, Gilberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O conceito de cultura e o estudo das sociedades complexas. In: *Espaço: cadernos de cultura*, 2(2). USU, 1980, p. 11-26.